

FAZER EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO COM PAUL VALÉRY

Maria Idalina Krause de Campos
Doutoranda da UFRGS/CAPES
idalinakrause@yahoo.com.br

Sandra Mara Corazza
UFRGS/CNPq/CAPE
sandracorazza@terra.com.br

RESUMO

O texto-ensaio *FAZER EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO COM PAUL VALÉRY* investiga o fazer múltiplo de uma criatura de pensamento, o escritor Paul Valéry. O texto atua e opera uma comédia do espírito, através de um método do informe, em cruzamentos imaginativos, com a filosofia, com a literatura e com a educação. A escrita, que opera com a leitura — escreitura — é aqui tratada a partir da perspectiva valéryana, pesquisa um meio possível para um proceder potente em educação. A escreitura é vista como uma atividade espiritual possível e permissiva às operações de consciência para ampliar o uso das faculdades intelectivas, com vistas a uma educação espiritual potente, oriundas de uma *self-variance* disciplinada e rigorosa. Este fazer corpo-espírito- mundo; produz tipos de personagens, extraídos de espiritografias de produção singular, que cultuam o intelecto na busca do Eu puro — senhor de si — e transitam aventureiramente por diversas áreas do saber. São arquiteturas de um Método que busca experimentar, movimentar pensamentos, utilizando o conhecimento como invenção para um fazer compositivo de escrita e com eles produzir meios, para possibilidades criadoras em educação. Estas operações de método do informe têm suas experimentações e pesquisas cultivadas dentro do projeto *Escreituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP - 2010. Terreno fértil e aberto ao esforço da criação, à variação espiritual, onde o serpensamento transforma-se e arrisca um novo olhar diante do espetáculo do mundo; para assim dizer-se, autoeducar-se, explorando as potências da linguagem dentro de um processo de escreituras.

Palavras-chave: Valéry. Educação. Espírito. Escreitura. Espiritografia.

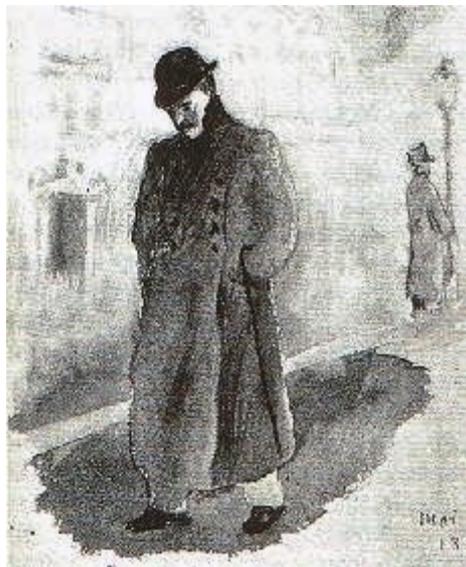
Ensaio

O presente ensaio sobre Educação, — situado entre o poético e o didático, — está em consonância como o Projeto de Pesquisa desenvolvido na linha 09 Filosofias da Diferença em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, intitulado *Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze*. Projeto de Pesquisa desenvolvido deste agosto 2010 pela pesquisadora, professora, doutora Sandra Mara Corazza, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Projeto que visa falar e escrever sobre Autor, Infância, Currículo e Educador, unidades analíticas referidas como AICE, para pensar um método do informe com Valéry e Deleuze.

A metodologia do projeto apela a uma pesquisa construcionista e tem na percepção e na criação seus dois movimentos experimentais. Empíria de forças, que recusa a intervenção do juízo. Desconstruindo os saberes constituídos para criar condições de lidar com o ainda não visto, exercitando as impressões visuais que, demora-se nas sensações, criando uma visão singular do ainda não significado, interpretado, atribuído de valor. Onde o método do informe é posto em movimento através de estudos e pesquisas, na medida em que desconstrói velhos conceitos, exige uma nova construção que transmuta a forma de AICE. Ou seja, os pesquisadores são surpreendidos durante o processo, sujeito aos acasos, criando neste exercício espiritual a potência própria de quem estuda uma literatura menor, educa uma infância informe, vive um impessoal devir-docente e formula currículos nômades (CORAZZA, 2010).

Como é possível educar o espírito com Paul Valéry? Para tanto é preciso investigar o fazer de escrita desta criatura de pensamento — Paul Valéry —, arquiteturas de um método do informe que busca experimentar, movimentar pensamentos intensos, para um fazer compositivo de escrita. Pois se pesquisa neste processo o ambiente humano, seus dramas e comédias que nada mais são do que vicissitudes de sua invenção compositiva. E se almeja, com eles, produzir meios para possibilidades criadoras em educação. Justamente porque como enfatiza Corazza (2010) o espírito humano enfrenta dificuldades para pensar o informe, daí a necessidade de uma Educação ou Pedagogia dos sentidos, associando a vivência dos limites formais com a criação artístadora. Trata-se de um exercício espiritual, uma construção conjunta com Paul Valéry; que

busca o valor do espírito humano e observa seu funcionamento, seu pensar, para construir por meio de operações escritoras (leitura pela escrita e escrita pela leitura). Capturas de forças que aproximam percepção e criação. Estas forças operativas servem como impulso para uma trajetória autoconsciente do espírito que se aventura em busca do novo. Novidade que gera inquietude, pois caça em meios múltiplos de escrita — rigorosa e complexa — desdobramentos enigmáticos à exatidão dos sentidos. Ou a casa-corpo onde habita a geometria que mede o mundo, e “dá as verdadeiras referências do prazer e guia o espírito” (VALÉRY, 1996, p. 8).



Auto-retrato de Paul Valéry¹

Traçados

Leio em Valéry: “Tenho a estranha e perigosa mania de querer, em qualquer matéria, começar pelo começo, o que vem a dar em recomeçar, em refazer uma estrada completa, como se tantos outros já não a houvessem traçado e percorrido...” (VALÉRY, 2001, p. 210). Esta passagem retirada da conferência proferida por Valéry na Oxford University (1939) intitulada *Poesia e Pensamento Abstrato*², pode ajudar-nos a entender o grande desafio imposto pela literatura para esta criatura do pensamento. Abordando a

¹ Paul Valéry. From New World Encyclopedia. Acesso em 29.08.2014, <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/File:Val%C3%A9ry01.jpg>.

² Conferência na Oxford University, publicado em folheto com esta menção: *The Zabaroff for 1939*, at the Clarendon Press, Oxford, 1939 (VALÉRY, 2001, p.209).

questão da linguagem, Valéry alerta que a mesma pode ser facilmente cristalizada, pela não observância do estado nascente de uma emoção criadora, ou seja, do impulso inicial para uma nova escrita. Não há facilidades para o uso e manuseio das palavras é preciso vontade, esforço, trabalho intelectual que forme uma base “e criar um sistema da vida mental, do conhecimento, da invenção e da produção das obras do espírito”. Um recomeçar constante que precisa ser eivado pela virtude da surpresa e o prazer da construção do texto como um poema por exemplo.

Tal perspectiva é apresentada por Valéry em função do espírito de muitos escritores serem apressados. Segundo ele, buscam sempre um *fim* cômodo, fácil e imediato, de uma mera combinação de palavras. Deixando de lado o *meio* que permite examinar mais de perto a *coisa em si*. Para levantar um problema, uma questão nova sobre a qual queremos escrever é preciso balbuciar, manter nossa malha intelectual num estado de infância que descobre. Deter-se diante de um novo objeto, verificar o começo que serviu de germe para determinadas palavras que serão usadas e assim construir um discurso claro. A velocidade com que passamos pelas palavras pode levar a uma bonita erudição, porém ilusória e enigmática sem a clareza necessária que exprima verdadeiramente o que se quer dizer. O verdadeiro estado poético do espírito ocorre na vida que nos espanta, nos graus de forças de seus acidentes. São ciclos que se estabelecem. Estado que requer, por vezes, o isolamento. Um tempo próprio para que um poema surja. Em outros casos há uma aproximação brusca de ideias, que se apoderam de nosso corpo e como caçadores atentos, adentramos na floresta, com todos os músculos orientados para a caça. Esse incidente necessariamente não produz um poema, mas incorpora-se ao pensamento, uma proposição qualquer pode surgir, servindo de instrumento para uma pesquisa posterior.

Parece-me que é sob este *prima* que devemos considerar os escritos de Valéry, não como um “filósofo” frio e sistemático, mas como um poeta dos detalhes, dos estados poéticos que povoam os labirintos do pensamento. Esta criatura do pensamento que com arte cirúrgica percorreu os meandros da linguagem com maestria, para expor seus conhecimentos vivenciais diante do mundo, onde forças de potências diversas atravessam seu corpo e movimentam seus pensamentos. Um espírito que dança sobre a prancha fina e provisória estendida sobre o abismo da linguagem. Dança que não deve ser rápida demais, pois anularia o saboreio do bailado. Nem tão lenta que traria junto à inércia total, o peso, a falta de graça que forçosamente resultaria numa quebra da

prancha e uma queda abismal direta em suas profundezas. Mas é possível estabelecer uma dança-floreio de um espírito que busca o raciocínio exato, que traduzem estados poéticos, expressos através do uso preciso das palavras que vociferam. Emitindo múltiplos sons de um pêndulo poético, onde o espírito escuta e observa retirando da prática da *linguagem comum*, seu universo poético. Este atravessamento se faz intenso, pois considero que amplia horizontes na medida em que aposta e assume a força de uma autoeducação. Pensar exploratório disciplinado, operado como ato de resistência e de vida afirmativa.

Pensamento Vivo

Paul Valéry, em toda sua trajetória de vida pesquisou, estudou, escreveu sobre conteúdos das mais diversas áreas do conhecimento. Misto de poeta, pensador e crítico da cultura possui uma forma original de lidar com o espírito, tendo sido traduzido por escritores e também poetas em vários idiomas: Augusto de Campos (para o português); Jorge Guillén (para o espanhol); Rilke (para o alemão). No entanto, apesar de possuir um reconhecimento internacional pelo conjunto de suas obras produzidas é ainda pouco explorado no Brasil. Principalmente no que tange ao uso — teórico prático — de seu pensamento no campo da Educação. Daí a importância de um debruçar-se mais efetivo sobre seu pensamento, assim como sua vida e seus escritos de formas variantes (diálogo, prosa, poesia, ensaio, carta, discurso, aula) e que contemplam uma multiplicidade de áreas do conhecimento como: filosofia, matemática, música, poesia, teatro, além de análises e críticas sobre cultura e sociedade.

Paul Valéry possui um pensamento vivo! Pode ser lido como um educador por sua dinâmica textual sempre em transição, visto que consideramos que a formação espiritual de um educador se encontra em constante estado de devir e mutação. Trata-se de um leitor ávido, um escritor compulsivo, um observador da arte e da vida como obra de arte. Um pensador que busca, no movimento de leitura e escrita, exercitar conscientemente os pensamentos. Verificando o que estes implicam, procura vê-los com precisão e pesquisar seus labirintos, sua mecânica psíquica íntima, seu método operativo. Trata-se de um espírito também escreitor que necessita agir e fazer. Necessita que haja ações inventivas de pensamento. Para assim viver estados de existência compositiva, tendo na grafia da palavra, no conceito dramatizado, um valor potencial de uma escritura que emerge do punho, da mão que rabisca, expressando os

pensamentos de um espírito amante. Espírito que nada mais é que um *serpensamento*, isto é um pensamento que arrisca um novo olhar diante da realidade do mundo espetacular: “Uma forma de pensar circuloviciosa, um *serpensamento*, a que não estão alheios os universos tautológicos de Mallarmé e de Joyce, do lance de dados ao riocorrente, que retorna a si mesmo por um cômodo Vicus de recirculação... PEN(T)SER” (CAMPOS, 1984 p. 23). Arrisca um novo olhar diante da realidade do mundo espetacular; quer dizer-se, autoeducar-se, explorando as potências da linguagem dentro de um processo de culto ao intelecto.

Self-variance

Paul Valéry, utiliza-se da palavra francesa *esprit* para aludir ao Eu. Mas há em seu pensamento a distinção entre dois tipos de espírito: *Moi* que seria o Eu empírico (*self-variance*) e *Moi* que seria o Eu puro (*Idolle de l’Intellect*) a ser cultuado, buscado. Este conceito de Eu puro deve ser entendido com uma significação particular o Eu como consciência de si, intelecto, inteligência. Como um sujeito que não se assujeita, mas aspira e realiza a criação, sem divindade reguladora, sem idealismo (Eu absoluto do Idealismo Alemão) e distante da metafísica da alma imortal (Eu substancial do racionalismo de Descartes). Portanto o Eu puro valéryano não guarda uma moralidade, consistindo na invariabilidade, naquilo que não muda no espírito. O espírito como um signo de pura possibilidade, de uma virtualidade. Um estado de espírito ao qual o Eu empírico aspira e tende. Eu que passa por uma ascese e encontra-se — purificado de paixões, de outros ídolos e idolatrias — liberto para agir e pensar. O espírito é também uma palavra infinita que evoca a origem e o valor de todas as demais palavras. Espírito é possibilidade, necessidade, energia, capacidade de transformação, aventura intelectual que tem na linguagem um meio para expressar ideias. É tarefa do espírito, aumentar os graus de sua racionalidade, via consciência e atenção na atividade intelectual. Uma ação heurística, “palavra moderna originada do verbo grego εὐρισκω = acho, pesquisa ou arte de pesquisa” (ABBAGNANO, 1998, p.499).

Segundo Valéry “não pode haver um modo novo de ver sem um modo novo de pensar” (VALÉRY, 2003, P. 33). Estas operações — novo-ver, novo-pensar — desenham mapas mentais, guias, para um enfrentamento ao senso-comum paralisante e impotente. Abrindo vãos para uma retina imanente que espia; a intensidade deste olhar é educativa, proporciona um novo desenvolvimento potencial, através de forças

capturadas e tem nelas, combustível, para novos fazeres espirituais. São tramas — como alude Valéry — que se apresentam ao espírito, uma diversidade em meio à qual não há uma determinação única e ilusória que imita o real, mas o possível-a-cada-instante de um texto que se compõe. Escrita, alinhavada entre fluxos de correntes energéticas, onde pulsa o espírito e a mão escreve esboços “da individualidade de uma jornada, de uma estação, de uma vida” (DELEUZE, 1994, P. 57-65).

Para Valéry, assim como para Spinoza, o espírito é inseparável da matéria e a matéria é inseparável do espírito (ADÓ, 2013). O espírito é sempre visto em circunstância, em situação, num dado tempo e espaço, em sua fragilidade real. Segundo Pimentel diante do vivível o espírito encontra-se, “condicionado a si mesmo, aos outros e ao mundo” (PIMENTEL, 2008 p.33) e não evoca um eu substancial, mas invoca um eu funcional, ou seja, um eu sempre em relação.

Nestas relações como enfatiza Adó, as afecções são inevitáveis, fazem parte de um processo e há uma ética e um direito natural nisto tudo. O espírito lê e escreve pensa e busca o que lhe afeta o ânimo, como diz Spinoza “[...] não pode existir se não existir, no mesmo indivíduo, ideia da coisa amada, desejada” (SPINOZA, 2007, p. 81). São *Conatus*, com os espíritos que nos são caros, a procura do que nos é útil, nos alegra, nos faz bem a vida, a cada instante de uma prática de escrileitura. E isto requer esforço, trabalho, disciplina e luta para colocar em ação nossas potências de conhecer, de pensar e de exprimir pensamentos. E através desses pensamentos, remodelar a visão ética do mundo e ir um pouco mais longe do o que nos impõe o senso-comum.

Método

O Método do Informe para a pesquisa em Educação procura atuar como Edmond Teste, personagem de *Monsieur Teste* de Valéry, que opera com o que lhe é proposto “[...] manipulando e mesclando, fazendo variar [...] podendo cortar e desviar, esclarecer, congelar isto, aquecer aquilo, afogar, realizar, nomear o que não tem nome, esquecer o que queria, adormecer ou colorir isso ou aquilo” (VALÉRY, 1997). Desse modo o espírito compõe um novo mundo e nele passa a habitar. Procura criar possibilidades para um *serpensamento*, uma forma de pensar que por vezes se torna protagonista voraz e satânica e que serpenteia nos labirintos do espírito mordendo o que pode. As escrileituras produzidas através do método do informe são criadas em conjunto com os labirintos espirituais dos quais nos ocupamos, escolhidos, por paixão e necessidade.

Aqui não há uma doutrina, mas um método para operações espirituais. Espírito em *Self-variance* lança um novo olhar para o que ainda não foi visto, ou seja, o que ainda ignoramos. Trata-se de pensar o informe, para falar, ler e escrever sobre a educação com Valéry.

O método é informe, pois, interroga-se e varia durante todo o processo, não possuindo regras fixas e rígidas, o que mataria o prazer do inusitado. Trata-se de capturas de forças dos textos, das imagens, das musicalidades, de tudo que devém em vida potente entre fluxos de pensamentos que propiciam um fazer espiritográfico. Onde “o pensar depende mais de um processo do que do objeto considerado; mais de um método de criação do que de resultados; mais de experimentações do que da aplicação de teoria à prática; mais de problematizações do que de descobertas”. Assim este método produz ficção, ou seja, “os pesquisadores capturam forças imaginárias, fantásticas e intelectuais, que os conduzem ao trabalho criador” (CORAZZA, 2010), operando no campo educacional.

Aludindo a Valéry, quando fala em Descartes e seu pensamento vivo, não se trata de uma doutrina que pretende ensinar qualquer coisa da qual não sabemos absolutamente nada, mas um método que opera “[...] transformações sobre aquilo que já sabemos algumas partes, para daí extrair ou compor tudo quanto do assunto podemos saber” (VALÉRY, 1952, p. 27). Sendo assim a literatura, a filosofia e a educação se entrecruzam; seus conhecimentos e saberes são moventes, estimulados por movimentos disparadores de escrelaturas. Assim, método do informe possibilita o desenvolvimento de um tipo de pesquisa em Educação em que se possa, justamente, enfrentar as dificuldades de pensar o informe (CORAZZA, 2014). Trata-se de uma composição que tem em vista valorizar a pesquisa do espírito humano juntando as proposições sobre o espírito, como explicitadas por Paul Valéry, à filosofia da diferença, em especial, aquela desenvolvida por Gilles Deleuze.

Os espíritos escrelatores, em *Self-variance*, passam a acompanhar essas danças dramáticas em meio à vida in-formada. Com lembra-nos Deleuze: “a literatura está do lado do informe, ou do inacabamento [...]”. No qual: “Escrever é um estado de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se [...]. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 1997, p. 11)”. Um exercício vampiresco, imagético do pensamento, colocando-se com gozo filosófico no

lugar de um ser espiritual, uma criatura do pensamento com o qual nos ocupamos. A espiritografia é vista com operação inventiva do pensamento que se permite o delírio. Trata-se de invenções palatáveis diante de mundo imanente do espírito, que investiga seus problemas e tenta solucioná-los por seus próprios meios nutrientes enquanto lê e escreve.

Afinal trata-se de experimentos de espiritografias, o espírito que opera no vivível como um Robinson Crusoe como na concepção de Pimentel ao falar do próprio espírito de Valéry aludindo a Daniel Defoe: “Um miserável Robinson numa ilha de espírito e carne, rodeado por todas as partes de ignorância, a fabricar generosamente seus utensílios e sua arte” (PIMENTEL, 2008). E onde a Educação age como um mecanismo de realização de um possível e ali opera entre leituras e escritas, pois, “a obra do espírito só existe como ato” (VALÉRY, 2011, p. 201). Há aqui toda uma disciplina rigorosa de uma pesquisa pós-crítica, que prima pelas variações e pelo prazer do inusitado. Mesmo sem rigidez ou regras fixas interroga-se e questiona-se durante todo o processo. A educação espiritual trabalha com os olhos e com as mãos, pois, “há uma imensa diferença entre ver uma coisa sem o lápis na mão e vê-la *desenhando-a*” (VALÉRY, apud PIMENTEL, 2008). Ou melhor, são duas coisas muito diferentes que vemos. Até mesmo o objeto mais familiar aos nossos olhos torna-se completamente diferente se procurarmos desenhá-lo. Rabiscar, desenhar, compor e assim, explorar e transmutar o vivível, indo além do que já temos ciência, ou seja, ler e escrever como trabalho experimental de quem busca conhecer o que está além do já sabido. O mais intenso nesta operação espiritual da construção de uma espiritografia do informe é o percorrer, pois tudo devém e se expressa na linguagem.

Novo Olhar

As espiritografias produzidas através do método do informe são criadas em conjunto com os labirintos espirituais dos quais nos ocupamos, escolhidos, por paixão e necessidade. Aqui não há uma doutrina, mas um de método para operações espirituais. Espírito em *Self-variance* lança um novo olhar para o que ainda não foi visto, ou seja, o que ainda ignoramos. Nesta trajetória é preciso se ater aos detalhes. Como Marcel Schwob em *Vidas imaginárias*, é preciso procurar estar do lado da arte que “[...] está no oposto das ideias gerais, só descreve o individual, só deseja o único. Ela não classifica; desclassifica” (SCHWOB, 1997). Procura-se um modo de lidar com o ensino que se

possa operar a arte da “invenção circunstancial” (BORGES, 1997). O interesse está voltado em criar uma tensão entre ficção e história, ficção e filosofia, ficção e arte, ficção e educação, ficção e ensino, ficção e conhecimento. Trata-se de reescrever e reinterpretar, de compor uma escritura, criando novos movimentos que se entrecruzam onde as informações trazidas são verificáveis.

O leitor de espíritos não possui uma fórmula pronta e um procedimento universal; cada caso difere, não há facilidade neste acompanhamento, mas muitos desafios e surpresas. Onde o “leitor nos oferece os méritos transcendentais das forças e das graças que se desenvolvem nele (VALÉRY, 2011, p. 214)”. Como todo processo de escrita e leitura em meio à vida, há uma produção de um modo de existência intensivo que desencadeia novos devires de desejos. Sobretudo porque “o texto transbordante é que cria condições para o Texto” como afirma Costa (2001, p.73), transbordamentos textuais que surgem, proporcionando prazeres e deleites que ultrapassam os territórios identitários, pois, é criação do novo. O método posto em operação, nas espiritografias do informe, pressupõe o inesperado como condição do processo educativo e tanto mais será fiel, quanto a força estabelecida — leitura e escrita — via interseção entre espíritos.

Como lembra Roland Barthes, a escrita deve dizer do coração e de todos os mistérios que dele advêm. Onde o que era “seco” é invadido, umedecido pelo prazer, a fruição, coabitação de linguagens. O espaço da alma amante possibilita gozos, posses, usufrutos. Para quem escreve o escritor? Questiona Barthes em sua obra *O prazer do texto*: “Não é a ‘pessoa’ do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma *imprevisão* do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja jogo” (BARTHES, 2006, p. 9).

Um espírito escrileitor em processo espiritográfico joga com desfrute e vai tornando-se aos poucos um escutador, de olhar e de ouvidos atentos, que vigia seus desertos, suas ilhas imaginárias para raspar com garras ferozes seus itinerários, seus procedimentos. O procedimento também aventado por Deleuze (1997, p. 19) em sua obra *Crítica e Clínica*, que aborda a questão do procedimento em Louis Wolfson e salienta que: “a psicose é inseparável de um procedimento linguístico variável. O procedimento é próprio processo de psicose”. Esta loucura-procedimento leva a linguagem a um limite, — onde se entrevê figuras que são atravessadas de desrazão presas à psicose — uma ação aventureira que se experimenta neste domínio, mas não a ultrapassa. São forças paradoxais que deslizam entre superfícies, vapores e cintilações,

acontecimentos puros que vão além dos sentidos apostando no não-senso como *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carrol. Misto de terror e glória, alfa e ômega, figuras-entidades puras onde mais vale “não a espada, mas o brilho da espada, o brilho sem espada como sorriso sem gato” (DELEUZE, 1997, p. 32).

Forças em movimento

A força potencial de uma espiritografia em construção é também o escrever em frenesi, entre rabiscos e anotações. Essa superabundância de pensares esquinfreniza, perfura ideias e por vezes, como afirma Valéry “[...] a impaciência espiritual me consome, me incita... É a caça do diabo; o Daimon transforma-se em demônio” como afirma Valéry (2009). Há momentos em que as dobras do pensamento emergem plenas de vitalidade, pois é atravessada, afetada pelas percepções de um objeto, uma obra de arte por exemplo.

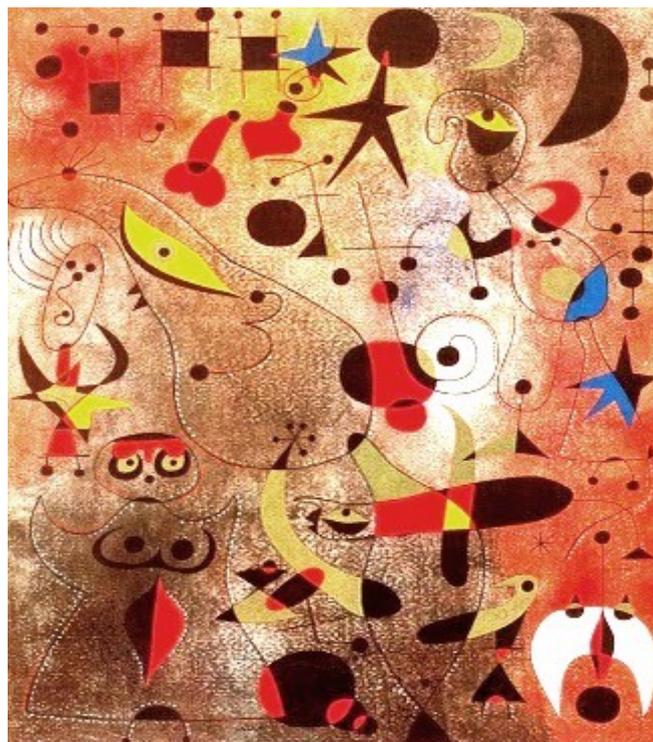


Figura 2 - El
Joan Miró³.

O apogeu despertar del dia, de perceptivo então se avizinha e a malha intelectual compõe seus bordados. A espiritografia de Miró, elaborada como um exercício experimental do espírito, surge através da percepção do quadro, criando uma nova imagem de pensamento, que relaciono espiritualmente, com sua vida e em conexão com sua obra. E é neste meio vidarbo (vida e obra) em

³ Fonte: Memória urbana. Disponível em: <<http://teoriadelaimagenurbana.wordpress.com/2007/06/09/ra-i-yue-zo-m-la/>>. Acesso em: 08 dez. 2011.

transmutação, que passa-se a compor a espiritografia. Um outro objeto-texto surge, segue em formação, pelo labirinto do espírito que capta sensações entre afecções. O movimento espiritual que investiga o desconhecido e com ele opera espiritograficamente. Ali onde viceja o texto que capta forças de um objeto de arte e com ele escreve uma espiritografia com Miró:

Pode-se assim, viver de espiar, espreitar ciclos de intensidades, do adoecimento que resiste à febre, do bater de queixos que se confunde com um riso louco. Vida por vezes famélica, alimentada insanamente pelos vestígios do dia, por traços letárgicos do que um corpo quer dizer. Fazendo germinar do mais íntimo, brotos que arrastam dedos e mãos, riscos deslizantes que o espírito impõe numa constelação, derramando figuras na superfície disponível de agora, entre gélidas madrugadas.

Há um calor de inconformismo, um ar de liberdade, sonho, vida sem freios, como um cão latindo para a lua. Um impulso, uma força que faz inverter figuras, girar entre carnavais, uma réstia de filosofia, pensamentos, ação, entorpecimento, criação suspensa de qualquer controle.

Não há exatidão, mas um gerar impreciso dos cabeludos pincéis molhados, misturado a uma vertigem de cores, gestação de uma obra fecundada, inominada até nascer. Signos que acontecem, pássaros, mulheres, asno, um autorretrato, o que ri e chora. Vinga, transborda, contrai, transforma-se e pede mais para vir a ser arte.

Um espírito que transfigura o mundo com linhas, traços interpenetráveis de lonjuras e desespero do que percebe diante dos olhos. Danação entre duas guerras e uma força regente, nebulosas de gestos, do que deseja resistir, encharcado, aquarelas espontâneas surgem do fundo claro, onde tudo escorre. Cabeleira de seda branca, enorme cabeça, silhueta de fera cavalga uma lágrima em forma de alazão, espargindo orvalho, uma arquitetura de sonhos despejados em estranhas geometrias na noite sem luar.

O desacreditado observa seus velhos sapatos constelados por galáxias, tintas, pingos estelares do que saltou em cores de um absurdo infinito universo, onde calça seus pés. Suas patas e corpo deitado numa enseada, onde mãos tateiam uma vez mais a viscosa tinta. Mas levantam fazendo surgir pintalgada litografia de um espírito comediante, que embora sangue, traça, vivifica em telas esculturas, amores e dores. Inquieto compositor de experimentações variantes, o solitário que em sua quietude “antissocial” deixou seu berro para que assim ocorra uma nova aurora pulsante, um

mosaico que clame *El despertar del dia* e acorde o mundo. Assim espiritografo meu Miró!

O Prazer de Fazer

Le plaisir de faire! (o prazer de fazer em tradução nossa) nos dirá Valéry, as escreleituras do informe guardam o encantamento diante do mundo, como as crianças que atentamente tudo observam de olhos atentos. E preferem algumas aventuras e suas maravilhosas dificuldades, pelo prazer de fazer. Lidando com seus paradoxos, suas fugas e seus esquecimentos. Arriscam muitas vezes o naufrágio, na busca pela proliferação de vida liberta, que possibilite observar e degustar sabores do vivível. Num trânsito dramático, que não esquece o alegre percorrer, de um intelecto artistador-aventureiro. Assim o espírito busca o espetáculo do mundo da ordem da comédia, do teatro interior: “sou sendo e me vendo; vendo-me ver, e assim por diante” como afirma *Monsieur Teste* (VALÉRY, 1997).

As escreleituras do informe assim como pensa Valéry busca o Eu puro aos moldes de Leonardo Da Vinci e a ele se dirige; um estado de espírito, um Eu empírico, uma *self-variance* que se realiza no agir, com lucidez, controle e rigor. Pesquisando em serpenteio de ideias o valor do espírito humano. *Gaia* incursão de trabalho e pesquisa que deve ser feita como a construção de um poema, ou seja, como uma festa da inteligência. Uma comédia intelectual onde corpo-espírito-mundo, encontra-se em ação funcional disposto a ler e escrever. Um anti-teatro, não mais o drama aos moldes de Wagner. Pois o que aqui interessa neste movimento é o papel do espírito operador, não dogmático, oposto à Igreja e ao Estado, que edifica um método plural, uma mística sem Deus. Onde a beleza está nos menores detalhes. Exercício noológico, investigando imagens do pensamento, dissipando neblinas transcendentais ilusórias, pois não há um começo constitutivo, um modelo para copiar. Sabendo que “a subjetividade empírica se constitui no espírito sob efeito dos princípios que o afetam; o espírito não tem as qualidades próprias de um sujeito prévio” (DELEUZE, 2001, p. 20).

Compor espiritografias em meio à vida mutante com Paul Valéry, tendo como campos exploratórios potenciais a educação, a filosofia e a literatura, é também propor uma entrada para inventar saídas imaginativas, novas imagens, fluxos de pensamento esboçados via escrita. É prima pela elaboração de circuitos espirituais variantes que atravessam o vivível, através de escreleituras, mesclando elementos dos detalhes, do

inusitado, para a produção de composições de escrita, oriundas do desejo e da necessidade. Onde a espiritografia é vista como uma atividade espiritual possível e permissiva às operações de consciência mais ampla, ao uso mais pleno das faculdades intelectivas, com vistas a uma educação espiritual potente, oriundas de uma *self-variance* disciplinada. Este fazer corpo- espírito- mundo; produz tipos de personagens, extraídos de espiritografias de produção singular, que cultuam o intelecto na busca do Eu puro — senhor de si — e transitam aventureiramente por diversas áreas do saber. Terreno fértil e aberto ao esforço da criação, à variação espiritual, onde o serpensamento transforma-se e arrisca um novo olhar diante do espetáculo do mundo; para assim dizer-se, autoeducar-se, explorando as potências da linguagem dentro de um processo de educação dos sentidos. São ações de sensibilidade — de um espírito — que opera nos entremeios de práticas literárias leitura e escrita. E estas experiências servem como meio produtivo para uma construção subjetiva, singular, pois é eivada pelo prazer do texto.

E a Educação é um lugar que se inventa no movimento da escrita pela leitura e da leitura pela escrita; nas relações que esse movimento comporta e, principalmente, na invenção e reinvenção como um espaço de ficção. Entende-se que é preciso dramatizar o conceito de verdade (DELEUZE, 1994); atentar para quais forças e que vontades este conceito qualifica e pressupõe por direito. Pois, sabe-se que qualquer produção de verdade sempre teve um pacto com a ficção. Disso resulta dizer que o que se quer com o trabalho da docência não é o de uma produção de verdade, mas a instauração de um multiverso de possíveis para o ensino. No âmbito de nossas pesquisas atuamos vivencialmente este processo, em aulas, seminários, oficinas, criando um espaço para novas criações de imagens de pensamento verificando que é possível uma educação dos sentidos. É disso que trata este método espiritográfico aqui exposto, ou seja, dar oportunidades aos espíritos para que seus corpos tenham a oportunidade de manter novas relações que convenham à sua própria natureza. E treinar honestamente o espírito para planejar a navegação em águas plurais. Navegação que não pode ser estabelecida previamente, senão no próprio navegar. É disso que se trata!

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ADÓ, Máximo Daniel Lamela. **Educação Potencial: autocomédia do intelecto**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- ADÓ, Máximo Daniel Lamela. **Comédia Intelectual da Educação**. Projeto de Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BORGES, Jorge Luis. Apresentação. In. SCHWOB, Marcel. **Vidas Imaginárias**. (Tradução Duda Machado.) São Paulo: Ed. 34, 1997, p.9-10.
- CAMPOS, Augusto. **Paul Valéry: A serpente e o pensar**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) /Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 12. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CORAZZA, Sandra. **Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze**. Projeto de Pesquisa – Bolsa de produtividade CNPq, 2010.
- _____. **Caderno de Notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.
- _____. Sandra Mara. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual da educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362012000300016&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 de Junho de 2014.
- COSTA, Luciano Bedin. **Estratégias biográficas**: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henri Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- DEFOE, Daniel. **Robinson Crusóé**. Trad. Márcia Kupstas. São Paulo: FDT, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1972-1990.
- _____. **Crítica e clínica**. Trad. Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. Désiretplaisir. **Magazine Littéraire**. Paris, n. 325, oct., 1994, p. 57-65.
- PIMENTEL, Brutus Abel Fratuze. **Paul Valéry: estudos filosóficos**. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-19012009-162232/>>. Acesso em: 23 set. 2012.

SCHWOB, Marcel. **Vidas Imaginárias**. (Tradução Duda Machado.) São Paulo: Ed. 34, 1997.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. (Tradução Maiza Martins de Siqueira.) São Paulo Iluminuras, 2011.

VALÉRY, Paul. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci**. (Tradução Geraldo Gérson de Souza.) São Paulo: Ed. 34, 1998.

VALÉRY, Paul. **Monsieur Teste**. (Tradução Cristina Murachco.) São Paulo: Ática, 1997.

VALÉRY, Paul. **A alma e a dança e outros diálogos**. (Tradução Marcelo Coelho.) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. (Tradução João Alexandre Barbosa.) São Paulo: Iluminuras, 1991.

VALÉRY, Paul. **O pensamento vivo de Descartes**. (Tradução Maria de Lourdes Teixeira.) São Paulo: Martins Editora, 1955.